Neves, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e regressão cultural.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978. 175p.

Poucos mestrandos têm a oportunidade, durante a feitura de suas teses, de realizar uma viagem, ainda que imóvel, conforme qualifica o autor a sua obra.

Este livro é o relato das observações críticas de um viajor que escolheu viver, por alguns meses, entre "indígenas brasileiros que tiveram contato com os membros de uma ordem religiosa católica do século XVI – a Companhia de Jesus".

À primeira vista trata-se de um estudo de implantação e permanência de uma ideologia aceita sem "resistências e sem lutas".

O olhar do antropólogo leva o autor a transcender estes limites; o tipo de viagem permite-lhe deslocamento mais amplo no tempo, e o resultado é o desvendar de um "conjunto de fantasmas ideológicos que insistem em vagar pela cena brasileira"; de naturalidade européia-ocidental, nascidos no berço da civilização, aqui se instalaram, fazendo-se ouvir e não deixando falar "àqueles que por tanto e tanto tempo foram feitos ouvintes".

A voz que se segue anuncia, num relato elegante e inteligente, o papel e os pressupostos básicos da missão que trazia a Boa Nova a uma civilização profana, bem como os pressupostos desta civilização "selvagem" e a impossibilidade da tão apregoada passividade no encontro das duas culturas.

O monge e o "selvagem" confrontam verdades e ordens contraditórias. Segundo a perspectiva missionária, a natureza é "bruta" e, como tal, precisa ser lapidada e aperfeiçoada para que se aproxime do universal, ainda que este uni-

versal nem sempre tenha sido apenas religioso-cristão, mas antes político ou europeu.

Se a convivência do "índio" com a natureza, com a nudez de seus corpos, parecia estranha e absurda aos olhos do missionário, mais o espantava a comprida casa de palha, sem divisões, "abrigando cento ou duzentas pessoas vivendo em comunidade".

E é tanta "a conformidade, entre eles, que em todo o ano não há peleja, nem furtos, nem queixumes, desgostos ou mortes".

É taxada de "promiscuidade" a "desordem" das aldeias, a qual deve ser substituída pela sucessão de divisões, normas e separações. Também o trabalho deve ser civilizado, disciplinado e assim a prática da caça e da pesca deve ser descartada para dar lugar à agricultura.

Mas o autor não se restringe à mera descrição factual de duas culturas. Ele desenvolve e aplica conceitos da teoria antropológica ao estudo do índio, do jesuíta e do século emoldurado. A análise dos textos bibliográficos jesuíticos traz uma nova luz à compreensão da nossa história, perpetuada pelas instituições pedagógicas por meio de uma única perspectiva; mais particularmente, traz uma contribuição para a antropologia, cujos "tesouros de conhecimentos sobre o homem constituem-se em fontes de inquietação, questionamento, crítica e contestação", conforme os dizeres de M. Foucault.

ELIDA SIGELMANN